

DISCIPLINA

NINJA



TRABALHO DO LIVRO PARADIDÁTICO

O Corvo de Edgar Allan Poe

01) O que na descrição que o eu lírico (a voz que fala no poema) faz do espaço e do tempo ajuda a criar efeitos de medo?

02) Em vários versos do poema, tomamos conhecimento do estado alterado de consciência do Eu poético. Que elementos indicam essa alteração?

03) Por que na verdade o eu lírico parece estar tão perturbado?

04) Explique como a expressão repetida pelo corvo vai ganhando diferentes sentidos.

05) Leia a definição e responda à questão que se segue:

Personificação: Atribuição de características humanas a animais ou objetos inanimados.

No momento em que o corvo surge no poema, temos vários exemplos de personificação. Indique os trechos em que as características físicas e psicológicas do corvo são descritas.

06) Agora leia o miniconto que André Foltran propôs e depois responda à questão que se segue.

O corvo

Quando Edgar acordou o corvo ainda estava lá.

FOLTRAN, André. "O corvo" in bit.ly/foltran. Acesso em 28.07.2013.

A) Se o leitor não conhece o poema teria conseguido significar bem o miniconto? Por quê?

B) Explique quais as semelhanças e/ou diferenças entre o final do miniconto e o final do poema.

07) No poema O Corvo de Edgar Allan Poe é natural usar o vocativo nos momentos de grande emoção. Cite dois trechos nos quais isso ocorre.

O poema a seguir, de Augusto dos Anjos, um grande admirador de Edgar Allan Poe, chama-se Asa de corvo e faz uma referência mais direta ao símbolo nefasto do corvo, imortalizado no poema do mestre.

ASA DE CORVO

Asa de corvos carnicheiros, asa
De mau agouro que, nos doze meses,
Cobre às vezes o espaço e cobre às vezes
O telhado de nossa própria casa...

Perseguido por todos os reveses,
É meu destino viver junto a essa asa,
Como a cinza que vive junto à brasa,
Como os Goncourts, como os irmãos siameses!

É com essa asa que eu faço este soneto
E a indústria humana faz o pano preto
Que as famílias de luto martiriza...

É ainda com essa asa extraordinária
Que a Morte – a costureira funerária –
Cose para o homem a última camisa!

ANJOS, Augusto dos. Augusto dos Anjos .Sel. notas, est. biogr. hist. e crít. Zenir Campos Reis. São Paulo: Abril Educação, 1982 (Literatura comentada).

08) Augusto dos Anjos publicou um único livro, intitulado *Eu*, no ano de 1912. O soneto lido apresenta o símbolo do corvo associado à noite, à morte e aos mistérios. Como o *Eu* poético vê sua condição nesse poema?

09) Observe os recursos poéticos empregados por Augusto dos Anjos para dar o clima soturno ao seu soneto. São versos decassílabos, finamente rimados, utilizando o esquema abba/baab/ccd/eed. Indique o verso em que o poeta revela a matéria central dessa poesia.

10) Como o *Eu* Poético refere-se à morte?

GABARITO

01) Ao descrever o tempo, “uma meia-noite que apavora”, de uma noite fria de dezembro e as minúcias da solidão de um quarto envolto em desordem de livros e mal iluminado, constrói um retrato de isolamento e tristeza. Enfatiza o suspense, criando uma angústia não só no eu lírico, como também no leitor do poema.

02) O eu-lírico se encontrava “caindo de sono e exausto de fadiga” e estava “ansioso pelo sol” em meio aos estudos. Mas tinha uma “dor esmagadora destas saudades imortais” de sua amada Lenora. As batidas despertam um rumor antigo e as sombras da noite o assombram. Ficará atônito com as respostas do corvo e com as respostas enigmáticas que a ave negra lhe dará.

03) Na verdade sua perturbação, além do contexto de solidão e ermidade, tem relação com a morte recente de sua amada Lenora que a todo tempo enfatiza que está entre os anjos e não mais entre os mortais.

04) No primeiro momento a resposta do corvo surpreende por ser uma fala, afinal, uma ave como esta não fala como os humanos. A medida que ela repete “Nunca mais”, adquire novas feições de acordo com os sentimentos do eu lírico: que será um amigo que não desaparecerá com a aurora, que não é nenhum consolo mandado por Deus para aplacar as dores de saudade de Lenora e tão pouco que há algum consolo nesse mundo. Também secamente responde que o amado não falará mais com seu amor falecido e que esta dor não o deixará jamais.

05)
“Tinha o aspecto/ De um lord ou de uma lady.”

“não és ave medrosa, /Dize os teus nomes senhoriais;”

“No entanto, o corvo solitário/ Não teve outro vocabulário”

“E o corvo aí fica; ei-lo trepado
No branco mármore lavrado
Da antiga Palas; ei-lo imutável, ferrenho.
Parece, ao ver-lhe o duro cenho,
Um demônio sonhando.”

06)

A) Não. Ele não entenderia o título, que é o mesmo do poema de Edgar Allan Poe, nem saberia a qual “Edgar” alude o miniconto.

B) Tanto no miniconto quanto no poema a ave continua “lá”, no busto de Palas, mas o conto insinua que Edgar está sonhando enquanto no poema o eu-lírico parece aceitar a presença do corvo e não revela se era um sonho ou não.

07) Analisar vocativos retirados pelo aluno.

08) Como aquele que é perseguido por todos os reveses cujo destino é viver sob as asas da noite a escrever poemas.

09) “É meu destino viver junto a essa asa...”

10) Compara, por meio de uma metáfora, a Morte com uma costureira funerária que cose com a asa da noite